

# Bebetecas nas Instituições de Educação Infantil: Espaços do Livro e da Leitura para Crianças Menores de Seis Anos

*Mônica Correia Baptista*<sup>1</sup>

*María Emilia López*<sup>2</sup>

*José Simões de Almeida Júnior*<sup>3</sup>

## Resumo

Este artigo discute a constituição de um espaço multimodal denominado Bebeteca<sup>4</sup> a partir de três experiências distintas: em um jardim maternal, localizado em Buenos Aires; como política pública, em um município brasileiro; na Faculdade de Educação de uma Universidade pública brasileira. Abordam-se a concepção de leitura e questões relativas à constituição e ao uso do acervo, considerando-se as especificidades das crianças de zero a seis anos de idade. Problematizam-se também as mediações a serem efetivadas entre crianças e livros nas Bebetecas instaladas em instituições de Educação Infantil. A constituição desse espaço deve levar em conta o fato de essas crianças ainda não dominarem convencionalmente a leitura e a escrita, e nem tampouco terem iniciado, de forma metódica, a aprendizagem do sistema alfabético de escrita. Tais características impõem organização, funcionamento e mediações distintas e comprometidas com as particularidades que marcam a relação das crianças menores de seis anos com o mundo.

**Palavras-chave:** Bebeteca; educação infantil; leitura; literatura; mediação.

---

1 Professora do Departamento de Administração Escolar da Faculdade de Educação da UFMG.

2 Diretora do jardim maternal da Faculdade de Direito, Universidade de Buenos Aires. Autora e coordenadora do Programa Leitura e biblioteca na primeira infância (Prêmio Pregonero 2014). Autora e coordenadora do Programa de Formação docente.

3 Professor da Universidade de Sorocaba.

4 O termo “Bèbetheque” foi mencionado pela primeira vez por Georges Curie, na 5ª Conferência Europeia de Leitura, que ocorreu na Fundação Germán Sánchez Ruipérez, em Salamanca, em 1987. Em sua palestra, Curie se referiu a práticas de promoção de leitura para bebês em instituições educativas francesas (creches). O objetivo das bebetecas era o de aproximar os livros das crianças pequenas antes de elas aprenderem a ler e a escrever. (ESCARDÓ I BÁS, 1999). Apesar de, etimologicamente, o termo remeter a “coleção de bebês”, pela junção do sufixo “teca” à expressão bebê, os criadores desse neologismo justificam o seu emprego argumentando que o objetivo foi dar centralidade às crianças pequenas, especialmente às crianças de colo e sua relação com os livros e com o universo da leitura.

## **Bebetecas in Early Childhood Education Institutions: Book Spaces and Reading for Children under Six Years**

### **Abstract**

This paper discusses the constitution of a multimodal space called Bebeteca from three distinct experiences: in a kindergarten, located in Buenos Aires; as public policy in a Brazilian municipality and in the Education College of a Brazilian public University. It deals with the conception of reading and issues related to the establishment and use of the collection, considering the specificities of children from zero to six years old. It also calls into question the mediation to be effected between children and books, in Bebetecas installed in Early Childhood Education institutions. The constitution of this space must take into account the fact that these children have not conventionally overcome reading and writing and, nor, have begun, methodically, the alphabetic writing system learning. These characteristics impose different organization, operating and mediations and also committed to the particular features that characterize the relationship between children under six years and the world.

**Keywords:** Bebeteca; early childhood education; reading; literature; mediation.

### **1 Introdução**

A constituição de espaços e de tempos destinados à leitura, na Educação Infantil, é um tema relevante para a efetivação de práticas pedagógicas adequadas à primeira infância<sup>5</sup>. Além das salas de atividades e de outros espaços escolares nos quais as crianças e suas professoras tradicionalmente desenvolvem atividades de leitura, as bibliotecas da primeira infância despontam como ambientes necessários para a ampliação do contato das crianças menores de seis anos com os livros. Esses são espaços estratégicos também para que se amplie o contato das professoras e das famílias com os livros e com a literatura.

A Lei 12.244, de maio de 2010 (BRASIL, 2010), reconhecendo a importância das bibliotecas escolares, determina que, até o ano 2020, todas as instituições de ensino públicas e privadas, de todos os sistemas de ensino do Brasil, contem com bibliotecas. A mesma Lei, no seu artigo 2º, conceitua bibliotecas escolares como sendo “a coleção de livros, materiais videográficos e documentos registrados em qualquer suporte destinados a consulta, pesquisa, estudo ou leitura” (BRASIL, 2010).

<sup>5</sup> O termo “primeira infância” é definido, conforme o art. 2º da Lei 13.257, de 08 de março de 2016, como sendo o período que abrange os primeiros 6 (seis) anos completos ou 72 (setenta e dois) meses de vida da criança (BRASIL, 2016).

Considerando a educação básica como um todo, será na Educação Infantil que os sistemas de ensino enfrentarão o maior desafio para assegurarem a universalização das bibliotecas escolares. Segundo dados do INEP, apresentados na Tabela 1, em 2014, apenas 14% das creches públicas possuíam salas de leitura<sup>6</sup>, e somente 12,3% do total de pré-escolas públicas existentes no país contavam com esse recurso. Comparativamente, no caso do Ensino Fundamental, aproximadamente 44% dos estabelecimentos da rede pública possuíam biblioteca, sala de leitura ou ambos os espaços. E, finalmente, no Ensino Médio, mais de 87% das escolas públicas possuíam um desses recursos disponíveis ou ambos os dois.

**Tabela 1 - Estabelecimentos da rede pública segundo recursos disponíveis na escola - Sala de leitura e biblioteca - Brasil - 2014 (em%)**

Etapa da Educação Básica	%	
	Creche	Pré-escola
Educação Infantil	14%	12,30%
Ensino Fundamental	43,70%	
Ensino Médio	87,70%	

Fonte: Adaptado do *Anuário Brasileiro da Educação Básica*, MEC/Inep/DEED, 2014.

Para se ter uma noção do desafio de universalizar as bibliotecas escolares na Educação Infantil, é interessante fazermos uma projeção a partir dos dados do Censo de 2014. Segundo dados do INEP (BRASIL, 2014), o Brasil contava com 113.714 estabelecimentos públicos atendendo à primeira etapa da educação básica, sendo 34.654 creches públicas e 79.060 pré-escolas públicas. Como vimos na Tabela 1, apenas 4.852 creches possuíam salas de leitura (14%). Para cumprir a determinação legal, seria preciso criar, em seis anos, 29.802 novas salas de leitura. No caso das pré-escolas, considerando-se que, em 2014, apenas 9.487 instituições contavam com esse recurso (12%), seria preciso criar 69.573 novas salas de leitura ou bibliotecas escolares.

O desafio da ampliação das bibliotecas em instituições de Educação Infantil não se restringe, entretanto, à criação de espaços físicos. É preciso que os ambientes, o acervo e as mediações sejam adequados ao seu público. De acordo com Escardó i Bás (1990), a *bebeteca* inclui, além de espaço e de acervo de livros escolhidos para satisfazer as necessidades dos mais pequenos e de seus pais, o empréstimo desses livros, palestras periódicas sobre seu uso e sobre os textos, assessoria e uma atenção constante por parte dos profissionais a seus usuários.

<sup>6</sup> Em alguns contextos brasileiros, os espaços destinados aos livros são denominados “Salas de leitura”, devido ao limite da legislação, que determina que um ambiente, para ser denominado de biblioteca, necessita de um profissional da área, devidamente habilitado, assumindo as tarefas e as funções próprias desse equipamento.

Do ponto de vista do ambiente, é importante que essas bibliotecas possuam um mobiliário que atenda às especificidades da primeira infância, e também dos pais ou professores que, ao acompanharem as crianças, poderão tê-las em seus colos e abraçá-las, enquanto contam ou leem as histórias. Portanto, “um espaço de paz, onde se encontram vínculos afetivos por meio dos contos, e no qual a leitura é olhar, ouvir, compartilhar” (ESCARDO I BAS, 1999, p. 10).

Castro (2006) também destaca a importância de se investir numa concepção de espaços que facilite a acessibilidade para bebês e seus pais ou professores, e que contribuam para que as crianças se sintam identificadas com o ambiente.

À qualidade do mobiliário e à sua disposição, somam-se o arranjo e a organização do acervo, que devem permitir às crianças elegerem autonomamente os livros que lhes despertem interesse. A presença de estantes e de prateleiras baixas é condição para que os leitores infantis tenham livre acesso aos volumes, podendo escolher o livro que mais lhes agrade, observando a grafia do título, a capa, a plasticidade da edição e outros detalhes que constituem o projeto gráfico da obra.

Carrasco (2014) ressalta a necessidade de que uma biblioteca para a primeira infância não apenas preveja e assegure o movimento das crianças, mas também lhes estimule a exploração dos espaços e dos livros. Assim como as crianças, para essa autora, o acervo também precisa movimentar-se. Para isso, é necessário que a disposição dos livros seja constantemente alterada a cada sessão e de acordo com o grupo de crianças que participarão das atividades. Desse modo, além de estarem acessíveis nas prateleiras mais baixas das estantes, os livros devem também ser organizados em caixas ou cestos espalhados em tapetes, com almofadas distribuídas confortavelmente, permitindo aos bebês engatinharem, e, às demais crianças, andarem até essas coleções para escolherem livremente suas leituras.

Nos cestos e nas caixas, as coleções são previamente organizadas pelo profissional responsável, que pode empregar distintos critérios para a seleção dos livros que integrarão cada uma dessas coleções. Carrasco (2014) sugere que, para a distribuição dos livros nas cestas (coleções), se parta de duas perspectivas. A primeira delas, a de quem lê. A segunda, do próprio livro como objeto cultural. Dessa maneira, partindo da perspectiva de quem lê, a pesquisadora sugere que se distribuam os livros pelas caixas ou pelos cestos, tomando como referência, por exemplo, livros para sonhar, para contar e cantar, para ver-se em outra pessoa, para descobrir-se como alguém singular, para nomear aquilo que nos inquieta etc. Do ponto de vista do livro, a pesquisadora sugere três categorias: o conteúdo, que pode ser informativo ou literário; o formato, que abrange livros com textos escritos, livros com textos escritos e imagens e aqueles com imagens, exclusivamente; e, finalmente, a terceira categoria, os recursos editoriais: tamanhos variados, tipos diversos de materiais, recursos do tipo *pop-ups*<sup>7</sup>, etc.

<sup>7</sup> *Pop up* é um recurso gráfico que emprega formatos tridimensionais para imagens.

Essa forma flexível de disponibilizar o acervo para as crianças exige dois requisitos básicos. O primeiro deles refere-se à qualidade dos livros; o segundo, à “bibliodiversidade” (CARRASCO, 2014). Segundo essa autora, cada livro oferece aos bebês, às crianças pouco mais velhas e aos adultos que os acompanham uma infinidade de possibilidades de leituras, de pontos de vista que precisam ser lidos, vistos e revisitados. A “bibliodiversidade” seria, pois, a multiplicidade de tipologias e de gêneros textuais que permitiria agrupamentos de livros sempre pensados no plural. A autora conclui: “para que os leitores desfrutem desses materiais e ponham neles sua atenção e sua emoção, devemos assegurar que esses livros sejam de qualidade. Bibliodiversidade e qualidade são os dois requisitos básicos na construção de bibliotecas para a primeira infância” (CARRASCO, 2014, p. 40).

Pensar, portanto, em um acervo é uma tarefa muito importante quando desenhamos uma biblioteca ou um projeto de leitura para bebês e demais crianças pequenas. Essa não é uma biblioteca de textos simples, nem tampouco uma biblioteca de ilustrações com cores planas nem de textos que “ensinam” algo, menos ainda moralistas. Não é uma biblioteca de palavras “fáceis”; é uma biblioteca com textos complexos, com transgressões, desafios, diversidades estéticas, livros cheios de ilustrações que são obras plásticas; poderíamos dizer que, nesse sentido, essa biblioteca é também a primeira pinacoteca das crianças (LÓPEZ, 2016, p. 34).

Como ressaltamos antes, um bom acervo envolve livros de variados gêneros, de maneira a propiciar às crianças a maior quantidade e a melhor qualidade de experiências de leitura. Cada gênero oferece distintos aportes e desafios: contos, poesias, livros ilustrados, livros de imagem, de primeiros conceitos, cancioneiros, fábulas, livros de arte, livros informativos. Os livros que oferecemos às crianças nas bibliotecas infantis lhes permitem aprender a olhar, ampliam sua capacidade de ver, e não apenas por meio das imagens. Esse “saber olhar” ecoa nos detalhes, na contemplação, no olhar conjunto e também no devaneio e nas possibilidades de transformação simbólica que os livros provocam com suas histórias, com suas experimentações linguísticas, com a informação que subverte o pequeno universo individual de conhecimentos.

Ainda que se faça adequada seleção e organização dos livros, uma bebeteca não é apenas um acervo, é também um conjunto de intervenções apropriadas a esse público. Pensar em intervenções junto a crianças de zero a seis anos de idade nos leva a refletir sobre o que significa ler para crianças desde seus primeiros anos de vida. Qual importância possui o encontro dos bebês ou das demais crianças pequenas com os livros?

Começemos por assinalar que “ler” é a base da experiência de humanização. É por meio da leitura dos signos, que lhes provê o ambiente circundante, que os bebês aprendem a linguagem e o significado das coisas que os rodeiam. Leem com todos os sentidos: leem o rosto de sua mãe para saberem se são amados ou se está triste,

leem seu aroma, a voz do pai, o movimento das árvores, o funcionamento de seus brinquedos. Por meio da força da leitura, que, como vemos, é muito mais que decodificar o alfabeto, as crianças entram no universo do significado e começam a pensar e a interagir. Tão importante como essa noção ampla de leitura de mundo é o fato de que o processo de aquisição da linguagem ocorre durante os primeiros dois anos de vida; sem nenhum plano traçado pelos adultos acompanhantes, as crianças reconstróem todo o sistema de linguagem pelo simples fato de estarem imersas no magma da conversação, muitas vezes não especialmente dirigida a elas. Esse fenômeno nos fala da enorme predisposição dos pequenos à palavra e também de uma inteligência que, unida à curiosidade, necessita de alimentos nutritivos.

Durante muito tempo, a leitura esteve associada unicamente às práticas escolares, e, estas, aos processos de alfabetização convencional, com o ingresso na escola de Ensino Fundamental. Afortunadamente, as investigações dos últimos anos puseram em relevo a importância de oferecer às crianças oportunidades de leitura literária e de outros livros desde o seu nascimento. Os efeitos dessas práticas nos falam, por um lado, sobre um fortalecimento do vínculo amoroso entre adultos e crianças, que repercute no desenvolvimento psíquico; por outro lado, sobre um maior enriquecimento da linguagem, sobre o aumento da capacidade de imaginar, de sonhar, sobre novas oportunidades de gozo estético, de jogo e de felicidade.

Importante também assinalar que existe uma relação estreita entre os atos de ler e de brincar, o que aproxima ainda mais as práticas de leitura da infância. Ambos têm modos similares de funcionamento no psiquismo infantil. As crianças pequenas se apropriam do mundo brincando. Sua curiosidade e seu impulso de movimento levam-nas a explorarem tudo que veem ou que tocam: qualquer objeto se converte em brinquedo frente a seus olhos inquietos. Todos nos damos conta de como os bebês e as crianças pequenas balançam, batem, manipulam, saboreiam tudo o que encontram pela frente. Essa atitude epistêmica é também a atitude de quem lê: a criança chega até a “alma” do objeto ou do brinquedo, à sua essência; o leitor busca chegar até o fundo de uma ideia ou de uma história para acessar algo novo, desconhecido (LOPEZ, 2015).

Há, entretanto, algo mais que une o brincar à leitura quando falamos de livros, de literatura e de crianças pequenas. O brincar está feito de conteúdos imaginários, de universos paralelos que desafiam a realidade. Na brincadeira, as crianças, as personagens que elas criam, as ações que elas inventam, os objetos aos quais atribuem novas funções, enfim, o universo que elas fazem existir é fruto de seu trabalho criador, e as conexões ou os desenlaces possíveis entre os distintos elementos são infinitos. Nessa atividade criativa reside a maior riqueza do ato de brincar e é, por sua vez, o que o torna um fenômeno de liberdade e de crescimento.

Na literatura, como no brincar, predomina a ficção, quer dizer, os mundos imaginários. Uma criança que monta em uma vassoura e, com ela, empreende uma cavalgada contra

os vilões que se escondem por trás da montanha de almofadas é uma criança que brinca, que cria, que ficciona. Essa pequena demiúrgia da criança é um fato narrativo, é seu modo de “escrever” contos que flutuam no ar, efêmero como o é o ato de brincar, mas contos por fim. O jogo das crianças é feito de narrações, como a literatura; de desvios, de sobressaltos, como a poesia; de imagens mentais metafóricas, como as que nos dão as ilustrações dos livros (LOPEZ, 2015). A necessidade de fantasiar existe como a necessidade de conhecer. Poderíamos dizer que a curiosidade e a criatividade são motores da infância. E os livros, esses objetos carregados de palavras, de imagens, de fantasias e de informações, são aliados indispensáveis para se acompanhar e para se nutrir os primeiros anos de vida.

Essas considerações acerca do ato de ler e do universo da primeira infância são decisivas para orientar as mediações e as intervenções nas bibliotecas instaladas nas instituições de Educação Infantil. Tradicionalmente, as bibliotecas têm atendido a usuários que podem resolver por si mesmos sua relação com esse espaço: crianças, jovens ou adultos iniciados na leitura, ou seja, leitores que demandam esses espaços em função de necessidades surgidas pelo fato mesmo de saberem ler. As propostas que compartilharemos neste texto, ao contrário, envolvem aquelas crianças que dependem dos adultos para se aproximarem dos livros, da poesia, dos relatos orais, das interações com materiais escritos; e que, sem essas mediações, não conseguiriam nutrir-se da língua do relato. As intervenções a serem efetivadas pelos profissionais responsáveis pelas mediações entre os livros e as crianças, nas bibliotecas, devem considerar essa peculiaridade que, por sua vez, nos leva a refletir sobre as condições de acesso aos livros e às experiências de leitura por crianças de zero a seis anos e de suas famílias, no espaço escolar.

## **2 Brincar e crescer entre livros. Experiência de leitura no Jardim Maternal da Faculdade de Direito da Universidade de Buenos Aires**

O programa “Leitura e biblioteca na primeira infância” é desenvolvido no Jardim Maternal da Faculdade de Direito da Universidade de Buenos Aires, e recebe bebês e demais crianças pequenas, de 45 dias a três anos de vida, e suas famílias. A maioria das crianças frequenta a instituição durante sete horas diárias, enquanto seus pais estudam ou trabalham.

Pensando nesses pequenos destinatários, e no que significam os processos de separação nos primeiros meses, na sua enorme transcendência na vida psíquica dos bebês e de seus pais, a modalidade de trabalho desse centro focaliza o acompanhamento do cuidado e da educação, conferindo especial atenção aos vínculos iniciais. Por isso, a relação com as famílias é bastante intensa, estando pais e mães incorporados às dinâmicas cotidianas. Parte-se do pressuposto de que os pais são também destinatários

das ações do centro, uma vez que delegar a terceiros questões de educação e de cuidado, nesse momento inicial da vida de seus bebês, traz grandes inquietações e uma sensibilidade especial. Caso os profissionais do centro não sejam capazes de constituírem dispositivos específicos que alimentem esses vínculos amorosos entre pais e filhos, a delegação dos cuidados pode produzir desapegos nocivos às crianças.

Falamos de bebês, de educação e de cuidados básicos. Como se inserem, nesse contexto, a leitura e a biblioteca?

A primeira infância é a etapa da vida mais sensível, mais curiosa, de maior impulso epistêmico, e também o tempo em que se aprende a simbolizar. O psiquismo infantil se encontra faminto de estímulos amorosos, lúdicos, linguísticos. A leitura, como o brincar, constitui uma ferramenta essencial nesses primeiros tempos, nos quais é necessário ordenar a tudo. Narrar, receber a narração dos fatos do mundo cotidiano ou da fantasia é o que permite fazer crescer o repertório de ideias próprias, o alimento para o desenvolvimento da imaginação.

Nesse centro infantil, prioriza-se a imaginação; por isso, o trabalho com as crianças está atravessado pela arte. A música, a literatura, as artes plásticas, o jogo corporal, a dança, o teatro de títeres, os brinquedos artesanais, os espaços vazios que se convertem em grandes territórios de exploração, o jogo espontâneo criado ao próprio ritmo e as próprias iniciativas infantis são os materiais com os quais os bebês ensaiam suas aprendizagens.

Dentro desse repertório de possibilidades estão os livros e a leitura. Desde os primeiros dias, oferecem-se aos bebês relatos orais, cantos e livros. São criadas situações de intimidade com cada um deles, e crianças e professoras se detêm página a página em livros diversos. Pais e mães são convidados a participarem dessas experiências todos os dias. Por exemplo, quando as crianças chegam ao centro infantil pela manhã, o adulto que as acompanha entra com elas no seu salão e escolhe alguns dos jogos que estão preparados para esse tempo compartilhado, que antecede a despedida.

Entre os brinquedos estão os livros, e é justamente a leitura o que as crianças mais pedem a seus pais. Esse simples gesto de mediação possui enormes consequências: as crianças se despedem muito mais tranquilas se, nesse processo de despedida, estiver a leitura amorosa realizada por seus pais; os pais descobrem novos livros e, sobretudo, advertem seus filhos sobre o quanto é importante o ato de ler; finalmente, as crianças ganham oportunidades de leitura cotidiana.

Ao longo do dia, propicia-se a leitura espontânea à livre demanda. Cada sala de atividades tem sua própria biblioteca, ao alcance das crianças; no caso dos bebês, usam-se cestas de livros. As crianças podem ler tantas vezes quanto o desejarem, sozinhas ou acompanhadas por sua professora. Todos os dias, as professoras propõem um tempo coletivo para a leitura, mas também são garantidos os tempos próprios e individuais. Os adultos ficam disponíveis para lerem, respeitando os modos e as



preferências dos pequenos. Pode-se ler os livros completos, em partes, com paradas infinitas nas páginas referidas.

Ao longo desses anos de investigação, adquiriu-se a segurança de que grande parte da riqueza dessa experiência radica-se nas mediações, nessa disponibilidade afetiva, lúdica, física e temporal que cada adulto põe nesse ato de acompanhamento, porque a magia da leitura não está apenas na presença dos bons livros. Não é dada ao bebê a palavra se não houver um adulto disponível e atento, tampouco a experiência da leitura literária, se os livros não forem sustentados, nas primeiras transmissões, por algum companheiro generoso e disposto ao pacto ficcional.

Essas crianças vivem, desde os primeiros tempos de vida, a experiência da língua de relato; esta provê a literatura e enriquece profundamente a capacidade de pensar, de imaginar, de construir sentidos novos. Por isso, as crianças que frequentam esse centro infantil demonstram, além de grande interesse pela leitura, um pensamento profundo e criativo. Manifestam notável desenvolvimento da linguagem e capacidade para imaginar; ainda que não seja objetivo desse programa de trabalho, sabe-se que muitos cedo manifestam interesse e conhecimento pela escrita. Finalizando seu tempo de permanência no jardim, quando completam quatro anos de idade, a maioria das crianças agrega escritas espontâneas a seus desenhos, muito ricas do ponto de vista criativo e muito certas quanto à alfabetização<sup>8</sup>. Essas aprendizagens ocorrem espontaneamente, sem nenhum trabalho específico ao redor dos processos de alfabetização convencionais, o que nos permite inferir que é por meio da leitura literária que, desde cedo, as crianças recuperam e reconstróem em suas mentes o sistema alfabético. É a força das histórias, dos desenhos, das palavras brincalhonas, dos encontros poéticos que faz com que as crianças ingressem nos labirintos da língua escrita. E é por meio desses mesmos materiais que expandem suas possibilidades de conhecimento. Tais materiais conservam, por sua vez, a espontaneidade e a autonomia dos jogos e das brincadeiras que as crianças experimentam desde os primeiros meses de vida.

O centro infantil conta com uma biblioteca central, com cerca de três mil livros especialmente selecionados. É importante destacar que a seleção do acervo se realiza por um profundo trabalho de reflexão com as docentes. As compras de livros constituem uma prioridade no orçamento da instituição. Esse acervo passa de sala em sala, de acordo com as necessidades que se vai observando. É, portanto, uma biblioteca “andarilha”. Cada criança pode levar diariamente livros para sua casa; dessa maneira, ampliam-se as possibilidades de leitura entre pais e filhos. Além disso, essa estratégia permite que pais e crianças sintam os livros como próprios, e a leitura, como um jogo. Nenhuma criança pode renunciar a brincar; as crianças do centro tampouco podem renunciar a

<sup>8</sup> Enfatiza-se que não se trata de buscar aprendizagens precoces nem de apressamento. Essas aprendizagens surgem espontaneamente, como parte do caráter investigativo das crianças, apoiando-se na riqueza de oportunidades de leitura e nos bons materiais disponíveis.

ler. Entretanto, é importante mencionar que, no início desse trabalho, não é fácil que o livro saia da mochila e que seja lido para as crianças. Os pais não necessariamente valorizam a leitura. Não se trata de má vontade ou de negligência, mas, para alguns deles, os livros, nas suas práticas culturais cotidianas, não possuem centralidade. Consequentemente, não sabem como acompanhar seus filhos. Além disso, o turbilhão da vida contemporânea e o consumismo fazem com que se priorizem outras formas de se estar com as pessoas, menos íntimas ou menos comprometidas com o jogo, com a brincadeira e com o intercâmbio.

Por isso, o início dos empréstimos requer também uma mediação: assim que já se tenha compartilhado várias sessões de leitura com os pais, na sala em que seus filhos frequentam, é enviada uma nota nos cadernos das crianças contando sobre a importância do empréstimo e da leitura na primeira infância. Também se selecionam tantos livros quanto o número de crianças que há em cada grupo e elaboram-se resenhas desses títulos, tratando de tornar visíveis aquelas questões valiosas que não surgem imediatamente à vista. De algum modo, teoriza-se sobre literatura, fazendo com que os adultos reparem nos livros, em suas riquezas, em sua beleza. Confeccionam-se bolsas de tela com algum detalhe lúdico, uma para cada criança. Nessas bolsas, vão e vêm livros escolhidos todas as sextas-feiras, até terminar a roda, cada um com sua resenha. Enquanto isso, a cada duas ou três semanas, um pequeno questionário é enviado para a casa das crianças; nele, relata-se o que transcorreu, em cada família, com a leitura (da parte das crianças e dos adultos).

Essa experiência inaugural dá suculentos frutos. Por um lado, garante que os livros circulem pela casa no final de semana e que os pais deem atenção à proposta; por outro, produz belíssimas experiências e demandas. A partir daí, o empréstimo é espontâneo e sumamente fluido.

Desenvolvem-se também duas feiras de livros para bebês e demais crianças pequenas, por ano. Durante três dias, o pátio central se transforma em um espaço lotado dos melhores títulos da literatura infantil. Participam livremente os pais, os avós, os familiares em geral. As crianças leem com suas professoras e com seus familiares. O mais interessante é que, alguns meses antes dessa data, os pais começam a economizar dinheiro para a compra dos livros preferidos de seus filhos. Não se trata de uma população economicamente rica; essas economias surgem da profunda valorização da leitura. Assim é que essas crianças adquirem, muito cedo, uma bela biblioteca em suas casas.

A boa mediação supõe reflexão, certa expertise e escuta atenta e permanente. Por esse motivo, desenvolveu-se um programa de formação para todas as professoras do centro infantil que acompanham esse trabalho. Assim como muitos pais não gozaram da experiência da leitura em sua infância, e talvez tampouco na vida adulta, com as professoras ocorre algo parecido. Cada um de nós traz sua própria história de leitura,

que pode ser muito rica ou muito débil. É nesse sentido que se faz indispensável pensar no acompanhamento da equipe de trabalho como um modo de garantir a fluidez dos processos de apropriação e de mediação.

Desenhamos e exercemos uma política pública de leitura para bebês e demais crianças pequenas e suas famílias na qual o prazer de ler, como prazer de se encontrar e de brincar, é o eixo condutor da experiência. Uma forma de relação com o mundo mais aberta e criativa. Um despertar para a cultura nutrido de fantasia, sensibilidade e inteligência. Apostamos que muitas crianças tenham a oportunidade de descobrir a leitura já nos seus primeiros meses de vida e sempre.

### **3 Implantação de bebetecas como política pública em um município brasileiro**

A criação do projeto de bebetecas, implantado pela Secretaria da Educação de Sorocaba, no interior de São Paulo, foi resultado de encontros e de trocas de experiências entre diversos educadores de dentro e de fora da rede municipal.

Na Secretaria da Educação de Sorocaba<sup>9</sup>, as primeiras discussões sobre a implantação do projeto *Bebeteca* como política pública foram tributárias das discussões relacionadas ao papel que a Educação Infantil, primeira etapa da educação básica, deveria desempenhar na formação de leitores. As linhas gerais para a elaboração do projeto começaram a ser delineadas no segundo semestre de 2013. Naquele momento, a equipe de apoio pedagógico, que trabalhava diretamente na diretoria de Gestão Pedagógica, considerou oportuno e estratégico que, antes de qualquer envio de proposta do projeto, fossem asseguradas discussões acerca da leitura para crianças pequenas.

Nesse sentido, foram organizadas oficinas, pela Secretaria de Educação, destinadas às professoras e aos auxiliares de educação, que trataram de temáticas como “Iniciativas culturais para a primeira infância: imaginar e construir propostas leitoras” e “Boas práticas de leitura com crianças pequenas”. Além dessas oficinas, promoveu-se o “Fórum de Cultura na Primeira Infância”, que tinha como objetivos: a) compreender como se consolida o ato de ler na primeira infância; b) discutir os espaços nos quais a leitura com as crianças pequenas pode acontecer; c) refletir sobre os mediadores de leitura e sua formação; d) discutir sobre a avaliação e a seleção dos livros a serem lidos para/pelas/com as crianças pequenas. Esse conjunto de ações, denominadas de preparatórias e de fomento ao tema, foi realizado no período de dezembro 2013 a junho de 2014, respectivamente.

---

<sup>9</sup> A cidade de Sorocaba está localizada no interior do estado de São Paulo. Conta com aproximadamente 630 mil habitantes e uma rede municipal com um total de 156 unidades educacionais.

Ao longo desse período, a proposta de implantação do projeto *Bebeteca* na rede municipal de ensino foi se materializando e organizou-se a partir de três objetivos principais:

- a) fomentar o encontro entre livros, crianças e adultos;
- b) ampliar as experiências poéticas, culturais e educativas de crianças, famílias e profissionais da educação do município;
- c) fomentar ações formativas para mediadores de leitura.

Conjuntamente a esse momento de sensibilização das professoras, dos auxiliares de educação e dos gestores para o tema da leitura e para a elaboração do projeto, também foram definidas as diretrizes políticas pedagógicas no âmbito municipal, para que pudessem estruturar a implantação do projeto como política pública. Dentre elas, destaca-se um conjunto de ações envolvendo a temática relacionada à leitura e à escrita, e sua relação com a Educação Infantil.

No documento que apresenta as diretrizes político-pedagógicas, encontramos, especificamente em relação às bebetecas, os seguintes objetivos, ações e metas:

#### OBJETIVOS

1.2 Promover, em creches e pré-escolas, o fortalecimento de ações pedagógicas que considerem as dimensões do educar e cuidar como aspectos indissociáveis de uma mesma e única realidade.

#### AÇÕES

Organizar e ofertar espaços de leitura à primeira infância (Bebetecas), atendendo progressivamente as Instituições de Educação Infantil a partir de agosto de 2014.

#### METAS

Formação de mediadores de leitura em Bebetecas, a partir de dezembro de 2013.

Implantação e implementação de Bebeteca no Centro de Referência em Educação (CRE), em agosto de 2014.

Criação do Comitê Leitor (até fevereiro de 2015).

Desenvolvimento do Centro de Documentação de Literatura para crianças, até dezembro de 2015.

Implantação e implementação de três Bebetecas em CEI até março de 2015.

Implantação e implementação de cinquenta Bebetecas em 2015.

Implantação e implementação de 55 Bebetecas em 2016. (SOROCABA, 2014).

A primeira Bebeteca da Secretaria de Educação de Sorocaba foi instalada no Centro de Referência em Educação, sendo a matriz de outras que foram sendo instaladas paulatinamente, até o final do primeiro semestre de 2015, nos centros de educação infantil do município. Essas bebetecas constituíram-se como espaços de leitura para as crianças pequenas e suas famílias, bem como de formação, de orientação e de acompanhamento de mediadores de leitura para a primeira infância.

Duas grandes coleções referenciaram a constituição do acervo das bebetecas: coleção de livros literários e coleção de livros informativos. Cada uma das duas coleções era constituída de diferentes gêneros discursivos e de temáticas que ajudaram a construir categorias para o agrupamento dos livros, como mostra quadro 1, a seguir.

**Quadro 1 – Exemplos de coleções que constituem o acervo das Bebetecas e alguns dos gêneros e das categorias criadas**

<b>Literários</b>	<b>Informativos</b>
Contos de aventuras e viagens	Natureza
Contos de mistério e terror	O corpo
Contos de humor	As pessoas
Contos clássicos	Os lugares, a terra e o espaço
Mitos e lendas	Os objetos e seu funcionamento
Poemas, adivinhas, canções, Parlendas	As palavras
Contos da vida cotidiana	Os números e as formas
Contos de animais	
Livro nos livros	

Fonte: Assessoria pedagógica/SEDU – Sorocaba.

Essas foram as principais ações desenvolvidas até o primeiro semestre de 2015, e que resultaram na implantação da política pública de bebetecas naquele município. Os desafios e as tensões, permeados de idas e vindas, ainda estão longe de terminar.

#### **4 Bebeteca: laboratório de formação de promotores e de mediadores de leitura**

O programa de extensão *Bebeteca*: uma biblioteca para a primeira infância, da Faculdade de Educação da UFMG, ao considerar a importância da leitura desde os primeiros meses de vida, e ao reconhecer a insuficiência da formação oferecida pelo curso de Pedagogia, responsável pela formação em nível superior dos professores de Educação Infantil, propôs-se a instalar um espaço de leitura pensado para crianças menores de seis anos na Faculdade de Educação de uma Universidade Federal. O objetivo principal desse espaço é promover atividades acadêmicas que capacitem alunos da graduação e da pós-graduação, bem como professores, bibliotecários e demais profissionais que atuam na Educação Infantil, a promoverem a leitura junto a crianças nessa faixa etária.

Dessa forma, as crianças que frequentam a Bebeteca da Faculdade o fazem como resultado de alguma atividade acadêmica que teve como objetivo capacitar os

participantes dos cursos, das oficinas e dos seminários para atuarem como promotores ou como mediadores de leitura junto a bebês e demais crianças pequenas.

Os projetos e as atividades desenvolvidos pela Bebeteca se organizam, assim, em função do público-alvo, organizado em dois grandes grupos. O primeiro grupo é composto por ações e projetos destinados à formação de professores, de bibliotecários e demais profissionais que atuam em instituições escolares e não escolares e que se responsabilizam pela promoção da leitura junto a crianças de zero a seis anos. Nas disciplinas optativas do curso de graduação em Pedagogia ou da pós-graduação, nas oficinas destinadas a professoras de instituições de Educação Infantil, os participantes têm acesso a textos teóricos, discutem estratégias metodológicas, analisam práticas pedagógicas e aprendem a: identificar tipologias de livros infantis; escolher adequadamente os livros e textos a serem compartilhados com as crianças, considerando as especificidades das diferentes faixas etárias que constituem a primeira infância; organizar os acervos em diferentes espaços de leitura (bibliotecas escolares, bibliotecas públicas, bibliotecas de sala, cantinhos de leitura etc.); realizar mediações que promovam o contato das crianças com os livros; conhecer e analisar as práticas e as políticas de fomento à leitura junto à primeira infância.

Além de cursos, oficinas e disciplinas, organizam-se seminários, conferências, colóquios, mesas redondas com pesquisadores nacionais e estrangeiros; também se promovem visitas de autores e de ilustradores, encontros de professores, encontros de bibliotecários etc.

O segundo grupo de atividades é voltado para o público infantil e para suas famílias, e tem como objetivo promover o contato das crianças com o livro. Os participantes dos projetos e das ações do primeiro grupo, ou seja, alunos da graduação, da pós-graduação ou profissionais que participam das ações de extensão elaboram, promovem e avaliam essas atividades. A participação dos alunos ocorre como bolsistas de extensão ou de pesquisa, como membros de atividades integradoras (créditos a serem computados como atividades teórico-práticas) ou como voluntários. Dessa maneira, um aluno da graduação, por exemplo, participa de alguma atividade do grupo um, que o capacitará a desenvolver uma atividade do grupo dois.

A Bebeteca, além das atividades mais diretamente ligadas ao ensino e à extensão, tem contribuído com a pesquisa acadêmica investigando temas como as características da literatura para bebês, a formação de professores, a tipologia dos livros infantis, os livros informativos para crianças menores de seis anos, a avaliação de políticas de distribuição de livros e de incentivo à leitura, entre outros.

As atividades desenvolvidas na Bebeteca, além do objetivo geral de capacitar mediadores e promotores de leitura para atuarem adequadamente junto a crianças menores de seis anos, tem como objetivos específicos

- promover práticas de leitura e de experiências artísticas (cinema, vídeo, teatro, música e artes visuais) junto a crianças de zero a seis anos, a suas professoras e a familiares, elaboradas, conduzidas e avaliadas por alunos da graduação e da pós-graduação;
- constituir momentos de leituras compartilhadas e outras atividades coletivas relacionadas à literatura;
- promover reflexões sobre os pressupostos que fundamentam a prática da leitura e vivências artísticas junto a crianças de zero a seis anos, disponibilizando textos teóricos e referências metodológicas;
- estimular relações transdisciplinares, interprofissionais e intersetoriais no âmbito da Universidade, sobretudo entre a Escola de Ciência da Informação, a Faculdade Letras, a Escola de Belas Artes e a Faculdade de Educação;
- estimular a criação de espaços, no cotidiano pedagógico, de classes de crianças de zero a seis anos, para a leitura e a discussão de textos literários.

### **Considerações finais**

Se aspiramos a uma aproximação democrática, aos livros e à vida cultural, na primeira infância, torna-se indispensável pensar na criação de bibliotecas escolares, abertas e específicas para esse público. É imprescindível habilitar experiências que mostrem que não é necessário esperar que as crianças aprendam a ler para frequentarem bibliotecas. Desde que são bebês, as crianças podem gozar dos contos, das imagens, dos relatos e da presença de outras crianças e de adultos.

Entretanto, não é suficiente criar espaços. É fundamental que esses espaços acolham as crianças nas suas especificidades. As bebeteças devem possuir ambientes físicos, equipamentos e recursos adequados aos bebês e às demais crianças menores de seis anos. Devem, sobretudo, primar pela qualidade das intervenções e das mediações. Os modos como os mediadores acompanham os pequenos leitores são decisivos em seus processos de apropriação e de exploração dos livros. Bibliotecários, pais/mães ou professores atentos, sensíveis, que se dispõem à escuta e que dão crédito às ideias ou aos gestos espontâneos das crianças, que se fazem cúmplices do assombro e da fantasia são tão vitais nessas experiências iniciais como os bons livros. Adultos amorosos, que respeitam o ritmo dos pequenos; bibliotecários e professores que ajudam os pais a descobrirem seu filho, que acalmam as ansiedades dos primeiros encontros e que habilitam outros modos de ler, fora da escolarização e impregnados de jogos e brincadeiras.

Além do trabalhado com as crianças, esses mediadores precisam se ocupar da incorporação das famílias à biblioteca, de modo que a leitura de livros infantis passe

a fazer parte de suas práticas culturais. O trabalho do mediador deve levar pais, mães e crianças a reconhecerem a Bebeteca escolar como um lugar interessante e receptivo onde não apenas se potencializam os processos de leitura das crianças, mas também se facilita o direito de transitar experiências estéticas; um espaço de criação e de liberdade, de ampliação de universos.

Converter essas crianças, desde a mais tenra idade, em usuárias estáveis da biblioteca infantil permite que os livros cheguem aos lares, e que cada família possa aproveitá-los ao seu modo e em seu tempo. Essa apropriação por parte das crianças resulta na assiduidade e no contato com a leitura, o que enriquece notavelmente suas experiências e contribui para a garantia do seu direito de aceder ao universo da linguagem escrita e, mais especificamente, à literatura, à ficção.

## Referências

APONTE, Castro Rocío. La Bebeteca: un espacio adecuado para desarrollar y estimular en hábitos de lectura a los niños. **Biblios**, Lima, Peru, n. 23, 2006.

BAPTISTA, M. C. Bebeteca (Biblioteca para a primeira infância). In: FRADE, I. C. A. da S; VAL, M. G. C; BREGUNCI, M. G. de C. **Glossário CEALE**. Termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores. Belo Horizonte: UFMG, 2014.

BRASIL. Lei 12.244. Dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do País. **Diário Oficial da União**, 25 de maio de 2010. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2010/lei/l12244.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12244.htm)>. Acesso em: 21 out. 2016.

BRASIL. Lei 13.257. Dispõe sobre as políticas públicas para a primeira infância e altera a Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente), o Decreto-Lei no 3.689, de 3 de outubro de 1941 (Código de Processo Penal), a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), aprovada pelo Decreto-Lei no 5.452, de 1o de maio de 1943, a Lei no 11.770, de 9 de setembro de 2008, e a Lei no 12.662, de 5 de junho de 2012. **Diário Oficial da União**, 09 de março de 2016. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2016/lei/L13257.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/lei/L13257.htm)>. Acesso em: 21 out. 2016.

BRASIL. **Sinopses Estatísticas da Educação Básica** - 2014. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/basica-censo-escolar-sinopse-sinopse>>. Acesso em: 21 out. 2016.

CARRASCO, Alma. Escuela y construcción de acervos: libros de calidad para la primera infancia. In.: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DO PROJETO LEITURA E ESCRITA NA EDUCAÇÃO INFANTIL. LITERATURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL:



- ACERVOS, ESPAÇOS E MEDIAÇÕES, n. 1., 2014, Belo Horizonte. (Palestra).
- CARRASCO, Alma. Escuelas y construcción de acervos: libros de calidad para la primera infancia. In: BAPTISTA, M. et al. (Org.). **Literatura na Educação Infantil: acervos, espaços e mediações**. Disponível em: <<https://goo.gl/hrYFxo>>. Acesso em: 21 out. 2016.
- ESCARDÓ, M. Però els bebés també llegeixen? **GUIX**. Separata 150, Barcelona, p. 20-2, 1 abr. 1990.
- ESCARDÓ I BÀS, Mercè. **Bebetecas**. Madrid: Asociacion Educacion y Bibliotecas Tilde, 1999.
- LÓPEZ, María Emilia. **Un pájaro de aire**. La formación de los bibliotecarios y la lectura en la primera infancia. Bogotá: Biblioteca Nacional de Colombia, 2015.
- \_\_\_\_\_. **Guía de trabajo para los maestros**. México: Loqueleo, 2016.
- SOROCABA. **Diretrizes da Educação: Gestão: 2014-2016**. Sorocaba: Secretaria da Educação. Assessoria Pedagógica, 2014a. Disponível em: <[https://drive.google.com/file/d/0B32CAVDPrXF\\_bDd2VFZhQWJPQ2s/view?pli=1](https://drive.google.com/file/d/0B32CAVDPrXF_bDd2VFZhQWJPQ2s/view?pli=1)>. Acesso em: 19 mai. 2016.
- SOROCABA. **Bebeteca**. Sorocaba: Secretaria da Educação. Assessoria Pedagógica, 2014b. (Relatório impresso).
- TODOS PELA EDUCAÇÃO. **Anuário Brasileiro da Educação Básica - 2016**. São Paulo: Moderna, 2016.

Recebido em 24/07/2016

Aprovado em 24/11/2016